

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Os Primeiros Teatros Do Rio Grande Do Sul

Ezio da Rocha Bittencourt*

RESUMO : Os teatros desempenharam um papel extremamente importante na vida social, artística e cultural do Rio Grande do Sul. Este artigo é um breve estudo acerca do surgimento das primeiras salas de espetáculos edificadas dos finais do século XVIII à primeira metade do XIX na região.

Palavras-chave : primeiros teatros, espetáculos, extremo-sul do Brasil

RÉSUMÉ : Les théâtres ont joué un rôle très important dans la vie sociale, artistique et culturelle du Rio Grande do Sul, situé à l'extrême-sud du Brésil. Cet article est une brève étude sur l'apparition des premières salles de spectacles édifiées de la fin du XVIIIème siècle à la première moitié du XIXème siècle dans cette région.

Mots-clés : Premiers théâtres, spectacles, extrême-sud du Brésil

O Teatro Sete de Abril da cidade de Pelotas inaugurado em 1833 é, atualmente, o mais antigo edifício do gênero existente no extremo-sul do Brasil. Mas qual teria sido a primeira construção destinada às atividades teatrais erguida no Rio Grande do Sul? Esta comunicação objetiva responder a questão historiando a gênese do teatro nesse Estado.

Durante o Período Colonial, edificou-se no Rio de Janeiro, em 1767, a primeira casa de espetáculos públicos brasileira: a Casa da Ópera, do padre Ventura. Logo seguida por outras congêneres em várias Províncias, elas começaram a dar corpo às incipientes manifestações teatrais no país.

O estágio atual das pesquisas acerca do surgimento do primeiro teatro no Rio Grande do Sul não permite a apresentação de uma data conclusiva. A referência mais antiga sobre o assunto que hoje se possui, remonta ao ano de 1780 revelando que em Porto Alegre já existia nesta data uma construção em madeira destinada aos espetáculos teatrais que havia sido destruída por um incêndio e reconstruída logo em seguida. Todavia, já na década de 1790 este segundo pavilhão não mais existia.

* Doutor em História pela Universidade de Genebra, Suíça. Mestre em História, pela PUCRS. E-mail: ezio_bittencourt@hotmail.com

Em princípios do século XIX também já havia desaparecido o primeiro teatro da Vila de Rio Grande que, talvez, fosse o mais antigo da então Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul. Em 1809, o comerciante inglês John Luccock registrou em suas anotações de viagem as ruínas de um teatro em madeira nessa localidade situado próximo à residência do Governador (hoje, a rua General Bacelar esquina com a Rua Pinto Lima). Provavelmente ele tivesse sido erguido nas décadas de 1780/1790. A *Gazeta de Lisboa* de 19 de julho de 1794 sugere que na localidade de Rio Pardo existia igualmente uma construção destinada aos espetáculos públicos.

Neste mesmo ano, Porto Alegre ganhou um novo teatro denominado de Casa da Comédia, que apesar de possuir 36 camarotes e capacidade para 400 espectadores, era uma construção modesta e precária. Em 1797 este teatro situado no Beco dos Ferreiros (atual Rua Uruguai) passaria a denominar-se de Casa da Ópera. Suas portas fecharam um ano mais tarde tendo sido reabertas somente em 1805 quando ela passou por uma série de melhorias financiadas pelo poder público.

Em 1833 a Casa da Ópera de Porto Alegre, encontrava-se quase em ruínas e praticamente sem atividades. Em 1835, com a eclosão da Revolução Farroupinha, o pequeno teatro transformou-se em cavalaria e alguns anos mais tarde, em 1839, foi demolido.

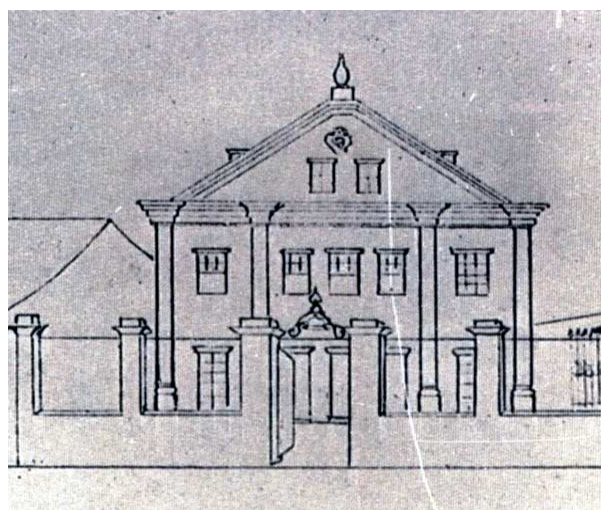
Em fins do século XVIII começou a se formar no sul da Capitania elites abastadas vinculadas à produção e ao comércio do charque produzido na região. Nos princípios do século XIX esses grupos economicamente emergentes desencadearam seu processo de assimilação de modelos culturais e estilos de vida burgueses europeus, enquanto as camadas da população que se seguiam permaneciam às margens desse fenômeno.

Assim deve ser entendida a mobilização da elite da vila de Rio Grande na construção de uma nova e confortável casa de espetáculos em substituição da modesta Casa da Ópera que existia então.¹ Inaugurado em 1832 o Teatro Sete de Setembro adequava-se à

¹ Antenor Monteiro informa que um ofício da Comandância Militar da Vila do Rio Grande, de 1829, relata que “em teatro particular se pôs em cena, à noite, uma peça” em comemoração ao aniversário natalício do Imperador D. Pedro I; que teria sido representada por oficiais do Batalhão 17 sediado na cidade e alguns civis. (MONEITO, Antenor. *Coisas de teatro*. Jornal Rio Grande, Rio Grande, 19 ago. 1946). Na Ata da Câmara de Vereadores do Rio Grande consta que durante a sessão de 14 de outubro de 1830, o vereador suplente José Antônio Gonçalves Cardoso requereu que o também suplente Manoel Pereira Bastos fosse multado “por não ser verdadeira a alegação

posição econômica do lugar e às exigências de uma parcela da população enriquecida e ávida por cultura e diversões.

O edifício deste teatro pode ser considerado o primeiro do gênero no Rio Grande do Sul: uma construção sólida, em alvenaria, apresentando condições indispensáveis às casas de espetáculo desta natureza. Para sua construção foi constituída, entre a elite local, a Sociedade Sete de Setembro que por venda de ações a 100 mil réis conseguiu o capital necessário ao empreendimento. Em 1831 lavrou-se a escritura da compra do terreno. Iniciaram-se as obras e em 7 de setembro de 1832 o teatro foi inaugurado. A alta sociedade rio-grandina, ganhava uma nova casa de espetáculos, um teatro originalmente semi-privado onde cada família elegante da cidade possuía seu camarote.



1 – Desenho de autor desconhecido apresentando a fachada, provavelmente original, do Teatro Sete de Setembro, de Rio Grande, em 1847. ASPECTOS BRASILEIROS: meados do século XIX. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1937.

Este primeiro teatro em alvenaria do RS estava instalado em uma das principais vias da cidade, atual rua General Bacelar, e destacava-se na paisagem urbana. Apresentava três pavimentos sendo o último o sótão. Edifício de transição estilística possuía fachada recuada com frontão e pilastras de inspiração neoclássica e aberturas típicas da arquitetura tradicional luso-brasileira, então predominante na cidade. Se externamente a construção buscava inspiração num modelo francês, internamente ela apresentava-se fiel à concepção barroca italiana com três ordens de camarotes e uma pequena platéia. Sua sala dos espectadores assemelhava-se às das Casas da Ópera do século XVIII, sendo característica dos

de moléstia para não assistir às sessões, pois foi visto no dia 12 na Casa da Ópera, enquanto ela [a peça] durou“. (ATAS e termos da Câmara de Vereadores do Rio Grande. Rio Grande, 14 out.1830). Provavelmente esses espaços eram, na realidade, salas adaptadas aos espetáculos teatrais.

teatros de partido luso-brasileiro. Pequena e com várias ordens de camarotes ela refletia o espírito de uma sociedade rigidamente hierarquizada que, até no teatro, impunha a separação de classes.



2 – Fotografia de 1940 apresentando o interior do Teatro Sete de Setembro, de Rio Grande. Originalmente existiam três ordens de camarotes, a platéia era bem menor e não existia a cabine de projeção cinematográfica, ao fundo da sala, introduzida nos princípios do século XX.

Arquivo do Centro Municipal de Cultura. Rio Grande.

Processo semelhante vivenciou a sociedade pelotense. Em 1833, precisamente em 2 de dezembro, inaugurou-se na cidade o Teatro Sete de Abril, outra respeitável construção do gênero cujas obras foram concluídas em 1834.² Segundo o jornal ilustrado *Ostensor Brasileiro*, do Rio de Janeiro, o edifício em alvenaria planejado pelo arquiteto alemão Eduardo Von Kretschmar apresentava “arquitetura externa elegante e regular, com seu pórtico de quatro colunas e salões superiores de desafogo, com janelas guarnecidas exteriormente com grades de ferro”. Sua planta interior era “elíptica, continha três ordens de camarotes em número de sessenta, e trinta bancadas na platéia”. Este jornal da Corte comenta igualmente que o teatro pelotense era “o mais belo da Província. É de notar que a importância dos teatros como edifícios, está no sentido inverso de importância das cidades. O de Porto Alegre é o mais pequeno [Casa da Ópera], o de Pelotas o mais bem construído”. (OSTENSOR BRASILEIRO, 1845-46)

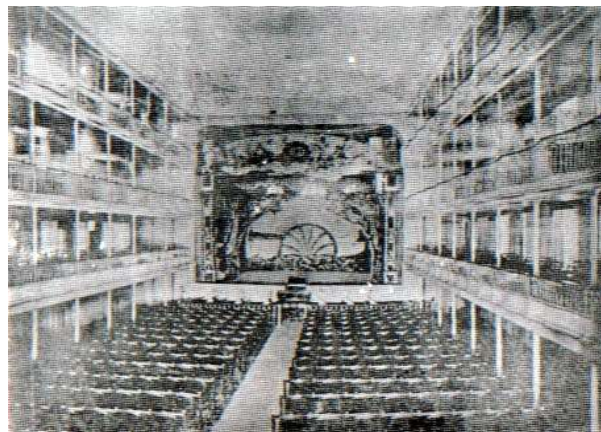
² Antes do Teatro Sete de Abril, parece ter existido na cidade dois armazéns adaptados às artes cênicas: o Teatro Pelotense (registrado em 1822) e o Teatro Sete de Setembro (1832-1835).



3 – Fotografia da fachada do Teatro Sete de Abril, de Pelotas, em 1875. Teatro Sete de Abril. Pelotas: Fundapel, p. 31.

Assim como aconteceu em Rio Grande, foi a elite da cidade enriquecida pela indústria do charque, e não os cofres públicos, quem financiou o teatro. Sua construção deu-se igualmente a partir da constituição de uma sociedade particular, formada em 1831. Esta instituição, por meio da venda de títulos acionários, comprou um terreno no perímetro central da cidade (em face da atual Praça Coronel Pedro Osório) e fez erguer o prédio. O estilo de sua fachada era também transitório, marcando a passagem do luso-brasileiro ao classicismo, fenômeno este observado na arquitetura civil dos principais edifícios públicos brasileiros construídos após a introdução do novo modelo francês no país, em 1816. Internamente, apresentava uma estrutura tradicional à italiana. Diferentemente do Sete de Setembro, de Rio Grande, o teatro pelotense já possuía, originalmente, espaços internos destinados à vida social que permitiam o circular do público nos intervalos dos espetáculos e garantiam assim as sociabilidades.

O surgimento dessas duas casas de espetáculos animou sobremaneira as artes do espetáculo em Rio Grande e em Pelotas, e uma série de sociedades dramáticas particulares foram surgindo proporcionando lazer e instrução. Lembro que, no século XIX, uma das principais funções do teatro deveria ser o de educar a sociedade, colaborando em seu desenvolvimento, civilizando-a. Este desejo de se instruir é perfeitamente característico do estado de espírito da nascente burguesia brasileira que descobria as necessidades da vida mundana.



4 – Interior do Teatro Sete de Abril, de Pelotas, s/d. Sua Sala dos Espectadores preserva muitas características originais. Teatro Sete de Abril. Pelotas: Fundapel, p. 32.

No imaginário das elites dirigentes e das camadas ascendentes da sociedade urbana brasileira novecentista a concorrência aos teatros era entendida como condição indispensável à vida moderna, urbana e civilizada, que se pretendia alcançar e cujos referenciais remetiam à Europa burguesa e suas formas de sociabilidades. Para além de sua função de divertimento, os teatros eram vistos como instrumentos ao aprimoramento civilizacional, sinônimos de progresso e lazer instrutivo. A afluência a esses espaços apresentava-se, outrossim, como um indicador de bom gosto e de elevado *status* social fundamentais às camadas emergentes tão carentes de símbolos de prestígio e de afirmação de sua identidade. Para a burguesia, o ato de marcar presença nos teatros correspondia à uma espécie de legitimação e reconhecimento social; um ritual que fazia parte do sistema de coesão desta minoria privilegiada; uma prática social de fixação de sua identidade enquanto grupo mandatário facilmente identificado nos teatros conforme o espaço que ocupava: rigorosamente os camarotes e as frisas, não se misturando às camadas populares que se distribuíam pela platéia. Para esta classe, ir ao teatro era uma atitude pública e ostentatória.

Se no sul da Província de São Pedro a incipiente vida teatral regozijava-se com os novos edifícios, lembro que em Porto Alegre a Casa da Ópera vivia seus últimos anos. Com o encerramento de suas atividades em 1834, a capital ficaria desprovida de teatro. Esta situação prolongou-se por quatro anos quando, em 1838, organizou-se a Sociedade Dramática Particular que promoveu, por conta própria, a compra de um terreno à Rua de Bragança (hoje, Marechal Floriano) e nele fez edificar um novo teatro destinado, sobretudo, às necessidades de vida social de seus associados e às representações teatrais dos mesmos. Tal como havia acontecido nos princípios deste decênio nas cidades de Rio Grande e de Pelotas, frente à inércia e dificuldade do poder público em promover divertimento, lazer e cultura, a burguesia

local tomava para si a liderança da empreitada e executava os projetos. Nasceu desta maneira o Teatro D. Pedro II construído por amantes da arte dramática pertencentes à « boa sociedade » local e para seu deleite.

Foi então em pleno decurso da Revolução Farroupilha (1835-1845) que Porto Alegre ganhou seu novo teatro, uma construção simples em alvenaria, com duas (ou três?) ordens de camarote e platéia instalado à Rua de Bragança (atual Marechal Floriano). Mais modesto que os teatros de Rio Grande e Pelotas, o D. Pedro II refletia a riqueza da elite porto-alegrense, nesta época, menos opulenta que suas congêneres enriquecidas com a produção e o comércio da produção saladeira. Apesar das precárias instalações, foi este teatro que assegurou ao público da capital os espetáculos entre os anos de 1838 e 1857, sem possuir concorrentes.

Esses teatros construídos pelas elites cidadinas nas primeiras do século XIX marcam o triunfo da burguesia. Neles observava-se um público pouco imaginativo, hostil a toda aventura grandiosa, apreciador de formulas doces, preocupado com a moralidade pública e comportamentos adequados. O teatro era visto como um local familiar que deveria ser preservado de toda degradação moral.

Se a documentação até agora encontrada revela que no século XVIII somente Porto Alegre e, talvez, Rio Pardo e Rio Grande se beneficiaram de casas de espetáculos (as Casas da Ópera), durante a primeira metade do Novecentos outras cidades da região passaram a possuir teatros: Pelotas, Bagé, São Gabriel, Piratini, Jaguarão e Triunfo. Em Rio Grande e em Porto Alegre novas casas do gênero foram erguidas neste período. Se várias localidades da Província já possuíam seus teatros, devo salientar que a maior parte deles eram construções precárias, galpões adaptados aos espetáculos, mui freqüentemente em madeira e que não resistiram ao clima úmido do sul do país. É correto então afirmar que durante grande parte do século XIX, e até 1858 quando se ergueu em Porto Alegre o elegante Teatro São Pedro à Praça da Matriz, foram os teatros Sete de Setembro, de Rio Grande (1832) e Sete de Abril, de Pelotas (1833) aqueles que apresentaram as melhores condições às práticas cênicas no Rio Grande do Sul.



5 – Aspecto externo do Teatro São Pedro, de Porto Alegre, nos finais do século XIX. Instituto Histórico e Geográfico do RS, Porto Alegre.

Diferentemente dos teatros de Rio Grande e de Pelotas, o São Pedro, construído décadas mais tarde, já apresentava originalmente galerias aos populares. Se é bem verdade o caráter elitista do Sete de Abril e do Sete de Setembro, devo lembrar que o desenvolvimento urbano - com a industrialização, a imigração, a abolição da escravatura, o surgimento do proletariado, o crescimento da classe média urbana - alterou esta situação e esses teatros passaram a dispensar maior atenção às camadas populares. Esses fenômenos criaram uma nova dinâmica social que determinou a reorganização espacial dos seletos teatros burgueses da década de 1830. Explica-se assim o surgimento, nesses teatros, de galerias ou “poleiros” adaptados ao poder pecuniário das massas. A segunda metade do século XIX foi então marcada por um maior acesso das camadas menos favorecidas a essas casas de espetáculos. Neste período surgiram também no RS vários teatros voltados particularmente ao grande público.

FONTES

ATAS e Termos da Câmara de Vereadores do Rio Grande. Rio Grande. Arquivo da Prefeitura do Rio Grande. 13 fev. 1822.

_____. _____. 17 set. 1830.

_____. _____. 14 out. 1830.

_____. _____. 26 abr. 1831.

GAZETA DE LISBOA. Lisboa, 14 jul. 1794.

O NOTICIADOR. Rio Grande. 4 mai. 1832.

_____. _____. 16 jul. 1832.

_____. _____. 7 set. 1832.

_____. _____. 10 set. 1832.

_____. _____. 8 out. 1833.

_____. _____. 7 dez. 1833.

OSTENSOR BRASILEIRO. Rio de Janeiro, v. 1, 1845-1846.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASPECTOS BRASILEIROS : meados do século XIX. Rio Grande : Biblioteca Rio-Grandense, 1937.

BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade*. Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2007, 2ª. Edição.

DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre : Globo, 1956.

DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o teatro no RS e síntese histórica do Teatro Sete de Abril, de Pelotas. *Revista do Instituto Histórico Geográfico do RS*. POA: 1 tri. 1945, n. 97, p. 37-65.

ECHENIQUE, Guilherme. *História do Teatro Sete de Abril, de Pelotas (1834-1934)*. Pelotas : Globo, 1934.

HESSEL, Lothar e RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil : da colônia à regência*. Porto Alegre : UFRGS, 1974.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

LUCCOCK, John. *Aspectos sul-rio-grandenses no primeiro quartel do século XIX*. Rio de Janeiro : Record, 1935.

SANMARTIN, Olyntho. O teatro em Porto Alegre no século XIX. CONGRESSO SUL-RIO-GRANDENSE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA, 3, Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1940, p.38-58.